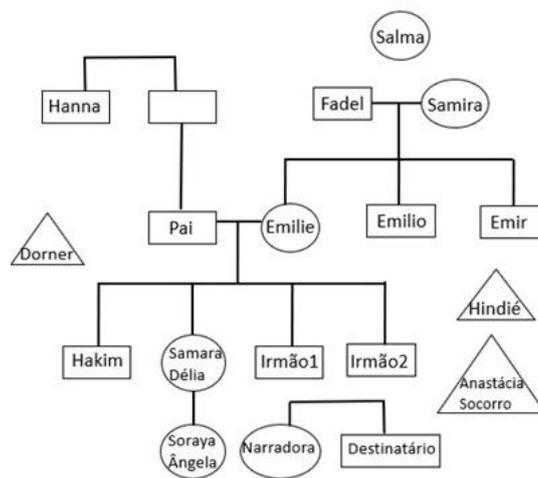


RELATO DE UM CERTO ORIENTE

Esse é o primeiro romance do escritor Milton Hatoum, um dos principais nomes da Literatura Brasileira Contemporânea. Depois, o autor também publicou, entre outros, uma grande obra, Dois Irmãos, e mais recentemente, A Noite da Espera. De origem libanesa, Hatoum retrata em seus romances geralmente famílias tradicionais de imigrantes libaneses, que estabelecem laços tão fortes entre si que, muitas vezes, isso causa problemas e tensões pra vida toda. Nas famílias de Hatoum – como é o caso aqui – as mulheres são o centro das decisões, o que lhes configura como personagens muito fortes narrativamente.

Em Relato de um Certo Oriente, temos a história da família de Emilie. O livro começa com uma narradora voltando a Manaus e se deparando com a casa onde passara boa parte de sua infância vazia. Ela, então, descreve a casa e os objetos para seu irmão, que mora naquele momento em Barcelona, Espanha. Já no início sabemos o motivo da volta dessa narradora sem nome a Manaus: a morte de Emilie.

Com essa volta e esse encontro com o seu passado, essa narradora começa a lembrar de toda a sua infância e contar, nessa carta para o irmão, sobre as coisas que vivera na casa de Emilie. Aos poucos, vamos entendendo as relações familiares e os conflitos estabelecidos ali dentro. Para continuarmos a conversa, construímos abaixo a árvore genealógica dessa família Libanesa.



Por esse relato, sabemos, por exemplo, que Emilie tinha quatro filhos. No entanto, os dois mais novos são retratados poucos, pois tinham o “demônio no corpo”, fazendo muitas arruaças e saindo da família tão logo crescem. Sabemos, também, que tanto a narradora quanto o destinatário são como netos adotados de Emilie. Samara Délia, a filha de Emilie, possui uma relação extremamente conflituosa com os dois irmãos mais novos, pois estes não aceitam a surdez da sobrinha, Soraya Ângela, que nasceu surda e, portanto, também não fala. A menina vai morrer muito cedo, atropelada por um carro enquanto passeava com a mãe. Além disso, no decorrer do livro são mencionados as primeiras gerações de imigrantes, que aportaram no Brasil e no Amazonas primeiro, para depois chamar seus filhos – caso do tio Hanna e de Fadel e Samira. Por fim, na árvore aparecem em triângulos três personagens que rodeiam a família, mas não possuem laços sanguíneos com ela: Dorner, um fotógrafo, amigo e confidente de Hakim; Anastácia Socorro, a empregada da casa; e Hindié, a melhor amiga de Emilie, única que permanece ao lado da matriarca até a morte.

Capítulo após capítulo, o leitor começa a desvendar os funcionamentos dessa família, os costumes libaneses, as tensões religiosas, etc. O que ocorre, no entanto – e isso é bastante passível de prova! – é que CADA CAPÍTULO É NARRADOR POR ALGUÉM DIFERENTE! O problema está que a lírica, a maneira narrativa de narrar é a mesma. Isso torna o livro um tanto difícil, pois o leitor não consegue ter a segurança de saber quem está falando. Ao final do relato, Hatoum resolve isso: a narradora diz que ela organizou todas as histórias contadas a ela, mantendo a voz discursiva, mas adaptando ao seu estilo. Dessa forma, Hatoum constrói uma espécie de mosaico, de arabesco, uma montagem tipicamente oriental. E não é só o narrador que muda, mas também o interlocutor. Para ficar mais claro, mostramos no quadro a seguir:

Capítulos	Narrador	Interlocutor
Capítulo 1	Narradora que organiza o relato	Interlocutor em Barcelona
Capítulo 2	Hakin	Narradora que organiza o relato
Capítulo 3	Dorner	Hakin
Capítulo 4	Marido de Emilie	Dorner
Capítulo 5	Dorner // Hakin	Hakin // Narradora que organiza o relato
Capítulo 6	Narradora que organiza o relato	Interlocutor em Barcelona
Capítulo 7	Hindié	Narradora que organiza o relato
Capítulo 8	Narradora que organiza o relato	Interlocutor em Barcelona

Como cada narrador tem um lugar de fala específico e viveu experiências diferentes, o leitor vai sabendo paulatinamente momentos específicos e detalhes da família. Algumas dessas situações valem a pena destacar e podem aparecer na prova. Mencionamos as mais importantes abaixo, em tópicos para facilitar o estudo:

- Na viagem entre o Líbano e o Brasil, Emilie decide confinar-se em um convento. Sai de lá apenas após seu irmão, Emir, ameaçar se matar. Do convento resta um grande relógio, que impera na sala e interrompe os silêncios de Manaus.
- Emir, de fato, se mata no Brasil, anos depois. Minutos antes de seu suicídio, o alemão Dorner o fotografa com uma orquídea.
- Há um conflito religioso super importante dentro da família: Emilie é uma libanesa maronita, católica; seu marido, no entanto, é mulçumano. As duas religiões convivem harmonicamente, pois esse é o trato do casamento.
- Ao contrário dos outros povos que migraram ao Brasil no início do século passado, os libaneses não se dedicaram majoritariamente ao campo, mas sim ao comércio. No livro, o marido de Emilie abre a loja Parisiense, uma espécie de armarinho, que funciona como segunda casa da família.
- Hakin conta o atropelamento e a morte de Soraya Ângela. Após esse momento, Samara Délia viverá num quarto de fundos da loja Parisiense.
- Após a morte do patriarca, Samara Délia assume a Parisiense e a loja prospera.
- Hakin conta que foi embora para São Paulo devido ao tratamento que sua família dava aos serviçais: primeiramente, os empregados ou eram muito mal pagos ou sequer eram pagos, costume em Manaus; depois, os seus dois irmãos mais novos abusavam sexualmente das empregadas.
- A morte de Emilie é retratada ao final – a matriarca já mora sozinha, e Hindié é a única que permanece ao seu lado até o fim de sua vida. É Hindié quem chama a família para o último adeus, fazendo a narradora voltar a Manaus depois de vinte anos fora da cidade.
- No último capítulo, a narradora explica explicitamente ao seu irmão que ela organizou o relato, fazendo essas diferentes vozes passarem pelo filtro de seu estilo.

PARA OBSERVAR:

- de certa forma, o conflito religioso que se dá entre libaneses católicos e mulçumanos mimetiza o próprio Líbano, que tem sua população dividida entre essas religiões.
- cuidado com a aparente polifonia, essas diferentes vozes de cada capítulo, mas que, na verdade, é sempre a organização da narradora que volta a Manaus. Lembre-se de que o livro se chama RELATO, no singular, e não relatos.
- O livro está em forma EPISTOLAR, ou seja, de carta, uma vez que a intenção da narradora é relatar a morte de Emilie e recordar a sua infância em Manaus e enviar esse relato ao irmão, que está distante.

MORTE E VIDA SEVERINA

COMO HÁ MUITOS SEVERINOS, QUE É SAO DE RONARIA, DERAM ENTÃO DE ME CHA PAR SEVERINO DE MARIA.

JOÃO CABRAL DE MEAO NETO

- SEVERINO
- Caminha em direção ao Recife em busca de vida melhor.
 - Encontra morte em todo lugar.
- RIO CARIBARIS (seco)
- VIDA SOFRIDA
 - RETRATO DO SERTÃO NORDESTINO
 - SECA
 - DESESPERANÇA

CLARA DOS ANJOS

-1948-

LIMA BARRETO

- 1881-1922
- RIO DE JANEIRO
- NEGRO - FILHO DE ESCRAVOS LIBERTOS

REALISMO - MODERNISMO

SÉC XIX SÉC XX

CRÍTICA SOCIAL

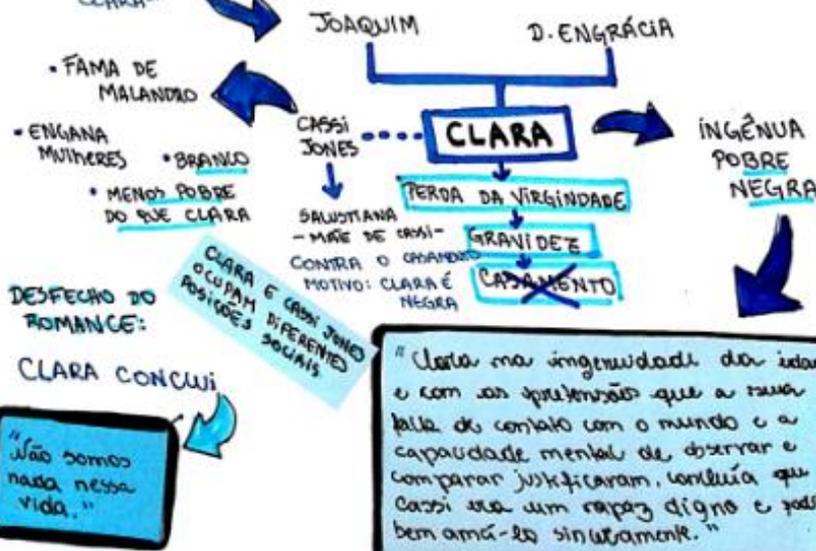
PRINCIPAIS TEMAS:

- LEUCURA
- BEBIDA
- MÚSICA
- NEGRO
- SUBURBIO

"Clara era de natureza omnia, pensosa, que apreciava as mães fortes que a modelassem e fixassem seus pés nos serões capotes disso. A mãe não tinha cabalo, no bom sentido, para o prezo; limitava-se a vigiá-la caritivamente; e o pai, devido aos afazeres, apressava a malera do tempo longo dela."

LAFÕES → CONTRA CASSI JONES

MARRAMEQUE → CONTRA CASSI JONES
- FRADEIRO DE CLARA -



ELLES NÃO USAM BLACK-TIE

GIANFRANCESCO GUARNIERI

tema: Cisão ideológica

OTÁVIO (pai)

OPERÁRIO
IDEALISTA
REVOLUCIONÁRIO
POLITIZADO
GREVISTA
VIVE NA FAVELA
VIVE A DESIGUALDADE

TIAO (filho)

CRIADO LONGE DO MORRO
S/ PREOCUPAÇÕES POLITICAS
CONTRA GREVE
QUER ABANDONAR A VIDA NA FAVELA

1851: ÚLTIMOS CANTOS → GONÇALVES DIAS (1823-1864)

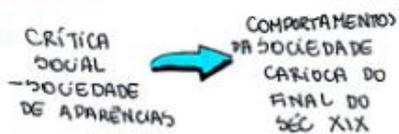


MACHADO DE ASSIS

VÁRIAS HISTÓRIAS - 1896-

- COLETÂNEA DE CONTOSS PUBLICADOS ENTRE 1884 E 1891 NA GAZETA DE NOTÍCIAS.

REALISMO



CONTOS

NARRADOR

- EM GERAL EM 3ªp; ONISCIENTE
 - ALGUNS SÃO MEMÓRIAS; 1ª pessoa.
- O NARRADOR TEM ACESSO AOS PENSAMENTOS - INTERIOR - DAS PERSONAGENS

ENREDOS

- **A CARTOMANTE**
TEMA: TRAIÇÃO, CASAMENTO, VINGANÇA
- **ENTRE SANTOS**
TEMA: RELIGIÃO
- **UNS BRACOS**
TEMA: ADULTÉRIO
- **UM HOMEM CÉLEBRE**
TEMA: VOCACÃO X AMBICÃO
- **A DESEJADA DAS AGENIES**
TEMA: AMIZADE, CASAMENTO
- **A CAUSA DECRETA**
TEMA: DADISMO
- **TRIO EM LA MENOR**
TEMA: TRIANGULO AMOROSO
- **ADÃO E EVA**
TEMA: HOMEM E MULHER
- **O ENFERMEIRO**
TEMA: HERANÇA
- **O DIPLOMÁTICO**
TEMA: FALTA DE EMPENHO
- **MARIANA**
TEMA: AMOR, PERDA
- **CONTO DE ESCOLA**
TEMA: NOVIDADE
- **UM ARSLOGO**
TEMA: VALOR, APARÊNCIA
- **D. PAULA**
TEMA: CICLO DA VIDA - CASAMENTO
- **VIVER!**
TEMA: VIDA/MORTE
- **O CÔNEGO DO METAFÍSICA DO ESTILO**
TEMA: ESCRITA

O URAGUAI

Você sabe o que é um poema épico? Não lembra? Então, antes de falar sobre o livro, vamos ao seu gênero: *O Uruguai* é um poema épico, um dos últimos da história da nossa literatura, já que, no século XIX, o Romance se torna a principal manifestação literária.

Os poemas épicos vêm lá da Grécia Antiga, com *A Ilíada* e *Odisseia*, ambos atribuídos a Homero e que narravam, em verso, respectivamente, a guerra de Troia sob o foco da ira de Aquiles, e os incansáveis perigos e duelos enfrentados por Ulisses em seu retorno depois da guerra à sua terra, Ítaca. Na Literatura Portuguesa, a grande manifestação de um poema épico é a obra de Camões, *Os Lusíadas*, que conta os grandes feitos dos portugueses no seu caminho para as Índias, liderados por Vasco da Gama.

Perceberam, então, o que é um poema épico? É um poema – então, a forma é em verso! – que narra feitos de grandes heróis, quase semi-deuses, geralmente auxiliados por seres mitológicos e divinos. Basílio da Gama, o autor de *O Uruguai* buscou fazer algo semelhante a contar a Guerra Guaranítica, ocorrida nos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Vamos a ela antes de chegar no livro.

Dados Históricos

Para entendermos *O Uruguai*, é preciso antes sabermos da existência de dois tratados coloniais: o Tratado de Tordesilhas (1494) e o Tratado de Madrid (1750). Como portugueses e espanhóis buscavam colonizar e explorar o maior espaço territorial possível na América, firmaram ambos o Tratado de Tordesilhas, que estabelecia uma linha imaginária que cortava o novo continente e o dividia entre espanhóis e portugueses. Como o acordo não foi plenamente respeitado de ambos os lados, séculos depois, o Tratado de Madrid buscou substituir o já obsoleto Tratado de Tordesilhas, estabelecendo uma nova linha. A questão nevrálgica desse novo Tratado, no entanto, era a troca entre portugueses e espanhóis da Colônia do Sacramento com os Sete Povos das Missões a fim de cumprir os interesses mútuos da margem do Rio Uruguai.

Portugal e Espanha trocam as cidades, então, e está tudo bem, certo? ERRADO! A única coisa que eles esqueceram, ou, na verdade, não deram importância, era das pessoas que viviam nesses lugares. Nos Sete Povos, viviam milhares e milhares de índios, que haviam herdado aquelas terras por gerações e queriam permanecer ali. Os ibéricos chegaram simplesmente os expulsando, e os indígenas disseram não. Resistiram bravamente, e a guerra começou. Obviamente, com Portugal e Espanha unidos e com um poderio bélico infinitamente superior aos índios, que guerreavam com arcos e flechas, não é difícil imaginar o massacre. E aqui começa nossa história.

O Livro

Dividido em cinco cantos, o poema começa já com os corpos dos índios ensanguentados e sendo comidos por corvos, como se o narrador tivesse chegado já com o massacre findado. Aos poucos, retoma a cronologia da história: o acordo ibérico, a tentativa de diálogo dos índios com os ibéricos, a guerra e o massacre. No meio de dados reais e historiográficos, Basílio também traz personagens e cenas fictícias, algumas alcançando uma grande potência épica, como a morte de Lindoia. Abaixo, o resumo de cada canto, em tópicos, para facilitar o estudo:

Canto I:

1. Cena final
2. Pedido à MUSA para guiar a narração
3. Apresentação dos personagens ibéricos – Catâneo é o chefe espanhol; Andrade é o chefe português.
4. Aliança entre portugueses e espanhóis.
5. Padres já são retratados como tiranos, pérfidos, vilões.
6. Andrade convida os homens – portugueses e espanhóis – a um banquete.
7. Andrade narra os antecedentes e as causas da Guerra Guaranítica.
8. Andrade nomeia os combatentes para seus respectivos postos.

Canto II:

1. Andrade e Catâneo avançam com suas tropas.
2. Após três dias, encontram os índios.
3. Cacambo e Sepé vão até a tenda dos ibéricos, buscando um diálogo, uma argumentação para convencer os homens brancos a os deixarem em paz.
4. Ibéricos e indígenas não se entendem.
5. A guerra começa.
6. Os índios fazem resistência, mas são vencidos.
7. Sepé morre em batalha.

Canto III:

1. Cacambo enxerga Sepé em sonho.
2. Sepé aconselha Cacambo a enfrentar os ibéricos naquele momento, na calada da noite, e os pegar desprevenidos.
3. Cacambo atravessa o rio e atea fogo no acampamento inimigo.
4. Concluída com êxito a missão, Cacambo quer contar ao padre Balda, já que os índios têm muito respeito e se veem governados pelos padres.
5. Balda, no entanto, o prende e o envenena. Depois, saberemos sua real intenção.
6. Cacambo morre sem honrarias, sem funeral. Lindoia, sua mulher, obviamente percebe a falta do marido e entende que ele está morto.

7. Lindoia vai atrás de uma velha indígena meio bruxa, vidente, chamada Tanajura.
8. Nas águas do caldeirão de Tanajura, Lindoia vê, no futuro, Lisboa destruída – menção ao terremoto ocorrido em 1755, e as reformas pombalinas – e a expulsão dos jesuítas, ocorrida em 1759.

Canto IV:

1. Revelada a verdadeira intenção de Balda: casar seu filho Baldetta com a mulher de Cacambo, Lindoia.
2. Morte de Lindoia: Lindoia, não aguentando a ausência de Cacambo, parece ter escolhido um lugar para morrer: um bosque onde há uma serpente venenosa. Seu irmão, Caitutu, chega no momento em que a cobra está enlaçada no pescoço de Lindoia. O homem atira uma flecha que mata a cobra que, no entanto, antes de morrer, morde Lindoia.
3. Os índios, vendo que serão vencidos, queimam suas próprias casas para não deixá-las aos ibéricos.

Canto V:

1. Síntese
2. Final da guerra com a vitória ibérica.
3. Jesuítas como os grandes vilões.
4. O narrador revela a pretensão de que a obra fique e permaneça para ser julgada pela modernidade.

Para observar

- Há uma mistura de personagens históricos com personagens fictícios. O grande e célebre líder indígena Sepé Tiaraju é retratado na obra, assim como o General Gomes Freire de Andrade. Porém, Lindoia e padre Balda, por exemplo, são personagens inventados.

- O livro começa in media res. No início, já vemos o massacre da disputa, com milhares de corpos sendo comidos por corvos. Depois, há um retrocesso para o início da guerra.

- Diferente dos poemas épicos tradicionais, que possuíam X cantos, O Uruguai só possui V cantos, mimetizando, talvez, a forma dramática tradicional, composta em V atos.

- **Uma coisa importante: Basílio escreve esse poema no exílio e muda o que, de fato, aconteceu historicamente, para "puxar-saco" da corte portuguesa e tentar se livrar de sua condição de exilado. Os portugueses são retratados aqui como homens justos, que só buscavam o que era deles; mas os índios também são retratados como heróis, valentes e bravos. Sobra, então, para os PADRES JESUÍTAS, nas figuras de Balda e Baldetta, que são os VILÕES da obra, homens maus, pérfidos e gananciosos.**

- **Atenção para a morte de Lindoia. É um episódio que costuma cair em concursos.**

- O ideal do índio como herói que foi um dos preceitos do Romantismo Brasileiro tem suas origens já aqui no Arcadismo. Nesse sentido, podemos dizer que o poema é "pré-romântico", já que influencia a geração indianista de Gonçalves Dias.

- O poema é composto por versos brancos, isto é, sem rima.